

# ANGENOR, ESTUDO DE CASO DE UM CIDADÃO BRASILEIRO

Elisa Pitombo

**RESUMO** - O presente trabalho pretende trazer algumas reflexões sobre o estudo de caso de Angenor - um cidadão brasileiro de 50 anos de idade, que como muitos apresentara um problema de aprendizado escolar vinculado à linguagem oral e escrita. Devido a sua tenacidade e a sua persistência durante atendimento psicopedagógico clínico, autoriza-se a superar o sintoma do sujeito que não aprende, tornando-se capaz de ultrapassar os obstáculos do conhecer escolar universitário e profissional. Dentre suas buscas, está o atendimento clínico psicopedagógico. Apresento neste artigo a discussão do estudo de caso à luz da teoria interacionista.

**UNITERMOS:** Estudo de caso; problema de aprendizado escolar; cidadania; psicopedagogia.

Neste artigo pretendo partilhar a discussão de um estudo de caso clínico, atendido em Psicopedagogia, com o intuito de ampliar o olhar para o percurso do brasileiro Angenor que, apesar de apresentar dificuldades de linguagem oral e escrita, suplanta e triunfa como cidadão.

Realizarei a reflexão sobre o caso clínico na perspectiva interacionista. Nessa visão, o sujeito é ativo, porém sem oposição ao objeto.

Sob essa ótica, o homem é entendido como um ser subjetivo, consciente, capaz de reflexão, e que se condiciona ao objeto, reconhecendo-se como sujeito natural e social, portanto, um sujeito coletivo. Desta maneira, ele não se constitui numa realidade acabada, mas sim numa paulatina construção de sua realidade histórica, através do relacionamento que estabelece com a natureza – pelo trabalho, com a sociedade – pela prática

social e consigo mesmo – pelo cultivo de sua subjetividade por intermédio de uma prática simbolizadora – o criar e lidar com os signos, com a linguagem, Severino<sup>1</sup>.

Essas três dimensões se interligam no processo de tornar o homem um cidadão, capaz de se constituir naquilo que ele se faz.

O termo cidadão<sup>2</sup>, etimologicamente, carrega o significado daquele que vive na cidade, com direitos e deveres políticos. Porém, segundo Santos<sup>3</sup>, a idéia de cidadania no mundo contemporâneo, não se limita apenas ao ativismo político ou ainda a simples idéia de recepção mecânica de direitos garantidos. A cidadania atualmente, para este autor, constitui-se numa relação simultânea de inclusão e exclusão. Por inclusão entende o consenso mínimo estabelecido pelo sujeito em torno de valores de tipo

---

*Elisa Pitombo - Psicopedagoga, mestre em Psicologia pela Universidade São Marcos, SP, docente do curso de formação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo SP.*

---

*Correspondência  
Rua Branco de Araújo n 199 s/2, Cep 04715-010 - São Paulo, SP - elisapitombo@ig.com.br*

constitucional e por exclusão o direito que o indivíduo tem à formação da diferença. Desta forma, nesta concepção, que a cidadania "...*tende a incluir a diferença para que esta não se transforme em exclusão*"<sup>3</sup>.

Portanto, nessa perspectiva de cidadania, pretendo trazer a discussão desse estudo de caso clínico psicopedagógico.

A história de Angenor é comum a muitos cidadãos brasileiros que, em busca de uma vida melhor, migra para São Paulo, levando a esperança e a persistência em sua bagagem. De família de pequenos agricultores da região do sertão baiano, juntamente com irmãos e primos, freqüentou uma "escola de roça", onde a professora ensinava alunos de várias séries numa mesma sala de aula. Nesse espaço de aprendizado escolar, já sentia dificuldade para expressar-se através da escrita, carregando-a consigo até procurar o atendimento clínico. Esse entrave acarretou uma penosa bagagem, conferindo-lhe marcas em sua identidade: um sujeito incapaz de ler e escrever.

No entanto, Angenor aprimorou-se de outras aprendizagens no âmbito social que construíram sua história, e que lhe valeram o sucesso como empresário da construção civil. Desde jovem, com 15 anos de idade, já aprendera a negociar: vendera um bode e comprara a espingarda do irmão que foi posteriormente sua primeira fonte de renda e o início de seu ingresso na atividade comercial.

Com ímpeto empreendedor, de pedreiro a empresário bem-sucedido, resolve voltar aos estudos aos 50 anos de idade: faz o curso supletivo e ingressa no ensino universitário, na Faculdade de Propaganda e Marketing. A opção dele por esse curso deu-se pela necessidade de incrementar sua empresa na área da comunicação.

No momento que se depara com a demanda acadêmica universitária para a autonomia de leitura e escrita, sua dificuldade aflora: não entende a leitura dos textos, na escrita troca consoantes sonoras por surdas, prejudicando a intencionalidade dos diversos discursos; esquiva-se dos trabalhos escritos em grupo na faculdade; atordoa-se e dispersa-se nas discussões orais em

classe; não consegue apresentar resultados satisfatórios nas provas acadêmicas; sente-se incapaz de acompanhar o curso universitário, enfim, de aprender na interação com seus novos pares. Desta forma, procura o atendimento clínico psicopedagógico encaminhado por uma professora de sua faculdade.

No atendimento clínico psicopedagógico, durante a entrevista inicial, Angenor apresenta sua queixa: "*Não consigo aprender desde menino... tinha dificuldade com as letras, sentia que era diferente dos outros na classe...*" .

O diagnóstico psicopedagógico apontou desempenho cognitivo satisfatório, porém com baixo desempenho no aspecto perceptivo espacial, ressaltados por desatenção. Já no aspecto afetivo indicou: baixa auto-estima para ler e acompanhar os estudos da faculdade, pois seu texto revelava dificuldades de ortografia, coesão e coerência textual. Sua linguagem escrita apoiava-se exclusivamente em recursos da linguagem oral. Sua leitura apresentava-se comprometida à compreensão do leitor.

Recorrendo aos estudos de *Vygotsky*<sup>4</sup>, vemos que a escrita é composta por um sistema de signos fonéticos representados por signos de relações e de entidades reais.

O autor concebe a linguagem como processo interno, parte de um todo maior constituído pela consciência humana e segue analisando a linguagem escrita como fator importante nessa discussão. Nela, há a ausência do interlocutor, pois a situação obrigatoriamente é criada. Enfim, a linguagem é representada numa situação distante do real, exigindo do sujeito, um esforço de ação analítica e consciente, instalando uma relação necessária com a fala interior de maneira contrária à fala oral.

No estudo sobre a linguagem escrita, *Vygotsky*<sup>5</sup> marca três pontos importantes, os quais, acredito, devam ser considerados no processo de aquisição da linguagem deste estudo de caso: 1) a situação de produção entre o interlocutor e o texto; 2) a escrita como símbolo de segunda ordem e 3) a significação e as necessidades dos diversos discursos.

A linguagem escrita para este autor<sup>4</sup> exige do

sujeito um desprendimento do imediato, do sensível, um outro nível de representação simbólica. Essa qualidade humana dotada de abstração define o carácter complexo da escrita como signo na função simbólica. *"Na escrita, somos obrigados a criar a situação ou a representação para nós mesmos. Isso exige um distanciamento da situação real (...)".* E segue comentando que no seu aprendizado inicial, *"a escrita também exige uma ação deliberada por parte da criança"*.

O escrever para Vygotsky<sup>5</sup> é um ato voluntário que representa a manifestação da consciência do sujeito. Para tanto, o autor chama a atenção para a relação única que é estabelecida entre a fala interior e a fala oral, em se tratando da linguagem escrita. A escrita acompanha a fala interior, traduzindo-a para uma outra imagem, signo ou símbolo, permitindo sua perpetuação na memória por longo prazo.

Na obra *"Pensamento e Linguagem"*, Vygotsky<sup>4</sup> apresenta com precisão suas conclusões a respeito da linguagem escrita. A escrita não somente relativa a uma grafia, ou ainda a um gesto que marca uma representação fonética da fala oral, mas como uma linguagem específica e única, que permite ao homem atribuir sentido ao seu pensamento, e encontrando seu lugar dentro das funções psicológicas superiores. Nesse sentido é que o autor esclarece como o pensamento é processo que não só transmite a palavra, mas também realiza-se nela como mediador da fala interior com a exterior.

Angenor apresentava no diagnóstico psicopedagógico um descompasso entre a fala interior e a exterior, da sua subjetividade com a sua objetividade, do seu mundo interno psíquico, com a objetivação que o mundo externo dos signos lingüísticos da escrita que a faculdade e o mundo do trabalho lhe exigia como cidadão – um sintoma de um problema com o aprendizado escolar.

Pain<sup>6</sup>, por discordar da *"manipulação casuística da sintomatologia"*, concepção esta que geralmente se adere aos problemas de aprendizado, conclui que nenhum fator pode ser determinante para seu aparecimento, *" (...) surge da fratura contemporânea de uma série de*

*concomitantes (...)".* O sintoma que é descortinado no problema de aprendizado é amplo, pois vem para denunciar um quadro comportamental de renúncia do sujeito ao ato de aprender.

Pain<sup>6</sup>, seguindo o modelo interacionista, apresenta a seguinte definição de problema de aprendizado: *" (...) podemos considerar o não aprender como um sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos (...)".*

Entendido, então, como sintoma segundo Pain<sup>6</sup>, o problema de aprendizado escolar de Angenor, na perspectiva clínica psicopedagógica, cumpria uma função positiva, pois tornava-se na realidade uma denúncia de um quadro momentâneo de comportamento. Este estaria constituído pelo significado que o aprendizado escolar possuía naquela situação específica de Angenor, incluindo sua manifestação na linguagem oral e na linguagem de seu corpo: inquietude para falar, movimentos ininterruptos de braços e olhos arregalados. E como salienta Langer<sup>8</sup>, na obra de Paulus<sup>7</sup>, o sintoma é uma ocorrência isolada que se refere a um todo circunstancial.

Concluindo, é desta maneira que o problema de aprendizado escolar foi entendido como um sintoma.

Dentro desse quadro foi iniciado o atendimento psicopedagógico clínico, resgatando inicialmente o processo de aprendizado da linguagem escrita. Para tanto, foi escolhido um projeto de atendimento centrado em textos de jornal, a fim de atingir os três pontos assinalados por Vygotsky<sup>5</sup>, a saber: 1) a situação de produção entre o interlocutor e o texto – o jornal continha informações que o motivavam a interagir com o texto; 2) a escrita como símbolo de segunda ordem – a escrita do jornal exigia do leitor a compreensão dos seus signos e 3) a significação e as necessidades dos diversos discursos – os diversos tipos de textos do jornal (artigo de opinião, reportagem, notícias, anúncios, etc) favoreciam o processo de instrumentalização da linguagem escrita.

Esse atendimento teve seu prosseguimento. Foi encaminhado para o atendimento fono-audiológico, conforme os dados apontados durante o diagnóstico: dificuldade fono-articulatória e o exame otorrinolaringológico indicando dificuldade de discriminação auditiva.

Quanto aos resultados do atendimento clínico psicopedagógico, assinalo que primeiramente com relação à queixa de falta de atenção, esta dependeu das reflexões que Angenor realizou sobre como as estabelecia na interação com seus pares durante o atendimento. Desta feita, passou a ter um olhar mais aguçado consigo e com o outro. Suas relações familiares, profissionais e escolares ganharam um outro sentido, interagiu e estabelecia uma comunicação efetiva. Sua auto-estima elevou-se. Mostrou-se seguro e auto-confiante afetivamente. Do ponto de vista psicológico, apropriou-se de sua subjetividade na medida em que expressava com facilidade e atenção seus sentimentos e desejos em relação ao outro.

Nesse período encontrava os meios para manifestar-se simbolicamente através da linguagem oral, instaurando o início do processo da aquisição da linguagem escrita no atendimento clínico psicopedagógico. Assim, no final do atendimento clínico psicopedagógico, Angenor aprende a ler jornal, aprimora a linguagem escrita na medida em que se apropria das diferentes tipologias textuais do jornal, produzindo com coesão e coerência textuais. Realiza-se ao perceber-se leitor. E, a partir dessa descoberta, toma a iniciativa de fazer assinatura de um periódico para acompanhar os fatos da realidade social de uma outra maneira, mais reflexiva.

Num dos últimos atendimentos, escreve um depoimento que muito ilustra o seu percurso clínico psicopedagógico:

“Venho por meio desta relatar os vários temas e abordagens discutidos ao longo do período de outubro de 2000 até setembro de 2001. Temas estes desde a linguagem escrita até a linguagem falada, cujos resultados foram bastante

satisfatórios. No passado eu falava algo e escrevia coisas totalmente inversas, passando para o leitor uma mensagem de difícil interpretação. Após esse período, já me sinto capaz de mandar mensagens de boa interpretação e com pontuação aceitável. Estou me dedicando bastante nesse aspecto, para que essa melhora continue a todo vapor e principalmente com muita atenção”.

O atendimento psicopedagógico encerrava-se, na medida em que o sintoma ia sendo substituído por comportamento de interesse e habilidade com relação à linguagem oral e escrita e, principalmente, por atitudes de envolvimento e participação no processo de aprendizado escolar.

Angenor agora acompanhava as atividades de seu curso universitário com segurança e autonomia, tornando-se um leitor assíduo de livros literários, para sua própria surpresa. Garantia o espaço de sua subjetividade no mundo através da comunicação oral e escrita, uma *prática simbolizadora*: passa a aplicar os conhecimentos de seu curso e elabora um plano de *marketing* para sua própria empresa, configurando uma *prática social* pelo trabalho.

Ao final do atendimento clínico psicopedagógico, Angenor retoma seu caminho, com consciência do seu papel de leitor, com vontade e determinação para finalizar o seu curso e, sobretudo, autônomo e confiante na sua capacidade de aprender, destituindo o sintoma do problema de aprendizado escolar.

Angenor, com o atendimento psicopedagógico clínico, ultrapassa a condição inicial de excluído, e passa a ser *incluído* no processo de aprendizagem, ampliando sua leitura e participação no mundo como um cidadão brasileiro.

Concluo aqui a discussão do estudo de caso, na certeza de que as questões da clínica psicopedagógica não se esgotam aqui, já que outras investigações de cidadãos brasileiros, com a trajetória semelhante a de Angenor, necessitam ser pesquisados para contribuir com os estudos da Psicopedagogia.

### SUMMARY

#### Angenor, a brazilian citizen case study

The present job intends to bring some reflections about the case study of Angenor - a brazilian citizen who is 50 years old and, as many others, showed a school learning problem with oral and written language. Due to his tenacity and persistence during the psychopedagogical clinic attendance, he allows himself to fight against the symptoms of the person that does not learn, to overcome the obstacles of university and professional knowledge, occupying his place as a citizen in Brazilian society. The psychopedagogical attendance clinic is among his searches. In this article I present the discussion of his case study in light of the interactionist-theory.

**KEY WORDS:** Case study; school learning problem; citizenship psychopedagogy.

### REFERÊNCIAS

1. Severino, AJ. Filosofia; coleção magistério segundo grau, série Formação Geral. São Paulo, SP: Cortez Editora; 1992.
2. Cunha, GA. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.
3. Santos, JA. A cidadania, hoje <<http://www.lxxl.pt/babel/biblioteca/cidadania.html>> Acesso em 9 abr. 2003.
4. Vygotsky, LS. Pensamento e linguagem. S. Paulo, SP: Martins Fontes Editora; 1991.
5. \_\_\_\_\_. A formação social da mente. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas; 1988.
6. Pain, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas; 1986.
7. Paulus, J. A função simbólica e a linguagem. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo; 1975.
8. Langer, SK. A filosofia em nova chave. S. Paulo, SP: Editora Perspectiva; 1971.

---

*Trabalho realizado no Espaço Psicopedagógico da autora.*

---

*Artigo recebido em 19/12/2002  
Aprovado em 10/01/2003*

■